Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Paridade de gênero pode aumentar o tempo de vida

Tanto mulheres quanto homens vivem mais se estão em um ambiente que favorece o combate à desigualdade. Análise inédita avaliou impactos de medidas econômicas, políticas e educacionais adotadas em 156 países, incluindo o Brasil, ao longo de 10 anos

A longo prazo, a maior igualdade de gênero ajuda tanto mulheres quanto homens a viverem mais. A conclusão faz parte do primeiro grande estudo a investigar como medidas de combate à desigualdade podem interferir na expectativa de vida. Foram avaliados dados de 156 países, incluindo o Brasil. Na avaliação de Cat Pinho-Gomes, pesquisadora honorária do The George Institute for Global Health, no Reino Unido, os resultados evidenciam que políticas estruturadas de empoderamento feminino podem aumentar a longevidade da população em geral.

"À medida que os países avançam em direção à igualdade de gênero e as mulheres têm a oportunidade de participar mais plenamente da vida política, econômica e social, toda a sociedade colhe os frutos", enfatiza, em nota, a principal autora do estudo. O trabalho inédito contou com parceria de cientistas do Imperial College London, também no Reino Unido, e foi publicado na edição de ontem da revista *PLOS Global Public Health*.

Inicialmente, mostra o estudo, as medidas beneficiam principalmente a vida e a saúde das mulheres. Com o passar dos anos e a criação de um ambiente que propicia o avanço coletivo, os homens também passam a ser contemplados. "Muitos dos fatores que determinam quanto tempo você viverá — como trabalho e condições de vida, exposição à poluição, acesso a cuidados de saúde, educação, renda e apoio social — estão sobrepostos a diferenças de gênero em todo o mundo", afirma Cat Pinho-Gomes.

Para investigar o fenômeno, os cientistas tomaram como referência o Índice de Diferença de Gênero Global Modificado (mGGGI), baseado em dados do Fórum Econômico Mundial, de 2010 a 2021. O mGGGI permite comparar o estado atual e a evolução da paridade de gênero em quatro dimensões: economia (participação econômica e oportunidade), educação (realização educacional), saúde e empoderamento político. A dimensão saúde foi excluída por incluir o critério expectativa de vida saudável — que era justamente o objeto da pesquisa britânica.

UWE ZUCCHI



Cientistas avaliaram o combate à desigualdade de 2010 a 2021 e chegaram a um avanço de apenas 4%: a covid-19 está entre os novos obstáculos

Em 2021, a média dos 156 países mostra que cada aumento de 10% mGGGI foi associado a um aumento de 4,3 meses na expectativa de vida das mulheres e de 3,5 meses, na dos homens, com uma diferença de gênero mais ampla de oito meses. A direção e a magnitude dessas associações variaram entre as regiões. Por exemplo, cada aumento de 10% no mGGGI foi associado a uma diferença de gênero mais estreita de seis meses em países de alta renda e a uma diferença de gênero mais ampla de 13 meses no sul e sudeste da Ásia e na Oceania e de 16 meses na África Subsaariana.

Área-chave

No período analisado, houve uma melhora de apenas quatro pontos percentuais no mGGGI — de 58% em 2010 para 62% em 2021. Segundo os autores, a mudança foi impulsionada principalmente por aumentos nos subíndices políticos e econômicos, já que o da educação permaneceu relativamente estável. O cenário, avaliam, sinaliza que, entre as três dimensões incluídas, a igualdade de gênero na educação tem uma associação mais forte com o aumento da longevidade de mulheres e homens a longo prazo.

"Isso sugere que o investimento na educação é fundamental, especialmente em países de rendimento baixo e médio, onde muitas jovens ainda não têm acesso à educação e os recursos são limitados", afirma Pinho-Gomes. "Mesmo os países de alta renda — onde foram feitos progressos substanciais para lidar com as desigualdades de gênero nos últimos anos —, investir na igualdade de gênero ainda pode beneficiar a expectativa de vida, principalmente para os homens", completa.

Também segundo a pesquisadora, a associação mais fraca entre a igualdade de gênero no domínio político e o aumento da expectativa de vida levanta preocupações sobre como as medidas de equiparação têm sido implementadas pelos sistemas políticos. "Como vimos nas recentes renúncias de mulheres políticas de alto perfil, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos nesse campo, incluindo discriminação, equilíbrio entre vida privada, familiar e política, obtenção de apoio de partidos políticos e garantia de financiamento de campanha", diz Cat Pinho-Gomes.

> **O investimento na educação é fundamental, especialmente em países de rendimento baixo e médio, onde muitas jovens ainda não têm acesso à educação e os recursos são limitados"**
>
> ***Cat Pinho-Gomes,***
> *principal autora do estudo*

Pandemia

Em nota, os autores chamam a atenção para o fato de que desafios globais atuais — como o aumento do custo de vida, a pandemia da covid-19, a emergência climática e os conflitos e deslocamentos em larga escala — estão impedindo o progresso em direção à paridade de gênero. "Isso pode, por sua vez, comprometer o desenvolvimento socioeconômico e a melhoria das condições de vida e de trabalho, freando os ganhos de expectativa de vida ocorridos nas últimas décadas", advertem.

Pinho-Gomes reforça o alerta: "Nosso estudo tem implicações importantes para os formuladores de políticas em todo o mundo, principalmente à medida que o mundo se recupera gradualmente dos inúmeros choques causados pela pandemia da covid-19, que teve um impacto de gênero em vários domínios da vida".

DIARIAMENTE

Poluição do ar ameaça mais de 99% da população

Quase nenhum lugar na Terra é seguro quando o assunto é exposição diária à poluição do ar. O primeiro estudo mundial a avaliar esse fenômeno mostra que apenas 0,18% da área terrestre do planeta e 0,001% da população global estão expostas a níveis de material particulado atmosférico fino (PM2,5) abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

70%
dos dias de 2019 tiveram concentrações das partículas poluidoras PM2,5 superiores ao nível considerado seguro pela OMS

Publicado, ontem, na revista *The Lancet Planetary Health*, o levantamento mostra ainda que, em 2019, mais de 70% dos dias tiveram concentrações de PM2,5 superiores a 15g/m³. A partícula tem um diâmetro inferior a 2,5 micrômetros — um micrômetro equivale a um milionésimo de um metro. Esse tamanho diminuto e o fato de ser inalável fazem com que ela seja considerada o principal fator de risco ambiental à saúde — com exposição relacionada a doenças cardíacas, respiratórias, cânceres e outros males.

Como faltam estações de monitoramento da poluição atmosférica global, a equipe liderada por Yuming Guo, da Monash University School of Public Health and Preventive Medicine, em Melbourne, Austrália, decidiu criar um mapa de como a PM2,5 mudou em todo o mundo, nas últimas décadas. Para isso, os pesquisadores recorreram a observações tradicionais de monitoramento da qualidade do ar, detectores meteorológicos e de poluição do ar baseados em satélite, métodos estatísticos e de inteligência artificial.

FAROOQ NAEEM



Cidade no Paquistão: o sul da Ásia é uma das regiões com aumento no índice de poluentes atmosféricos

"Usamos uma abordagem inovadora de aprendizado de máquina para integrar várias informações meteorológicas e geológicas para estimar as concentrações diárias globais de PM2,5 no nível da superfície, em uma alta resolução espacial (...), focando em áreas acima de 15g/m³, que é considerado o limite seguro pela OMS", detalha, em nota, Guo, enfatizando, em seguida, que esse referencial estipulado pela agência das Nações Unidas "ainda é discutível".

Sazonalidades

As análises mostram também que, embora os níveis diários de poluentes tenham diminuído na Europa e na América do Norte nas duas décadas até 2019, os níveis aumentaram no sul da Ásia, na Austrália, na Nova Zelândia, na América Latina e no Caribe. Por exemplo, no sul da Ásia e no leste da Ásia, mais de 90% dos dias apresentaram concentrações diárias de PM2,5 superiores ao recomendado.

Segundo Guo, as concentrações inseguras das partículas poluentes também mostram diferentes padrões sazonais. "Registramos poluição atmosférica relativamente alta em agosto e setembro na América do Sul e de junho a setembro na África Subsaariana", ilustra. O mesmo ocorreu em áreas orientais da América do Norte nos meses de verão, de junho a agosto.

Na avaliação do pesquisador, o trabalho inédito "fornece uma compreensão profunda do estado atual da poluição do ar ao ar livre e seus impactos na saúde humana" e pode servir de suporte para a formulação de políticas públicas. "Autoridades de saúde e pesquisadores podem avaliar melhor os efeitos da poluição do ar a curto e longo prazo na saúde e desenvolver estratégias de mitigação da poluição do ar", indica.